

Agenda eleitoral: violência

**JULIANO DOMINGUES,
DALSON FIGUEIREDO E
ENIVALDO ROCHA**

Como a disputa eleitoral começa pela agenda, quem consegue pautar o debate e o enquadramento parte na frente. Alguns temas se impõem com mais urgência, como violência urbana. Os dados estarrecedores são comparáveis a alguns dos principais conflitos bélicos contemporâneos.

O número oficial de soldados dos Estados Unidos (EUA) mortos em combate durante as duas Guerras Mundiais somado às baixas da Guerra do Vietnã indica a perda de 580.124 vidas em um período de 20 anos. O Brasil precisou somente de metade desse tempo (2006-2016) para ultrapassar a quantidade e registrar 594.960 assassinatos. O nosso país é responsável por 10% das mortes violentas intencionais no mundo.

A Organização Mundial da Saú-

de (OMS) considera endêmico o patamar de 10 mortes por 100 mil habitantes. No Brasil, a taxa de homicídios passou de 24,11 em 1996 para 30,24 por 100 mil habitantes em 2016. O incremento foi de 25,43%. Pela primeira vez na história, o País passou das 60 mil mortes violentas por ano. Se a tendência persistir, cerca de 255 mil pessoas terão sido assassinadas entre 2017 e 2020. Isso equivale a três estádios do Maracanã lotados.

Com isso, a taxa nacional média deve ultrapassar a marca de 32 mortes violentas por 100 mil habitantes, o que nos colocará entre os dez países mais letais do mundo. Infelizmente, Pernambuco superou com folga essa taxa ano passado ao atingir 57,29 homicídios por 100 mil habitantes. As 5.427 ocorrências fizeram de 2017 um dos anos mais violentos da história do Estado.

Com o objetivo de contribuir com o debate, o Grupo de Métodos de Pesquisa em Ciência Política da Universidade Federal de Per-

nambuco (MPCP-UFPE) estimou a quantidade de homicídios em Pernambuco para 2018. A expectativa média é de 4.603 assassinatos.

Estudo similar feito ano passado apresentou um grau de precisão relevante quanto à estimativa. O MPCP previu a ocorrência de 5.502 crimes violentos letais intencionais em 2017. Comparado aos dados oficiais, o erro do modelo preditivo foi de apenas 1,36%. Tomara que, desta vez, esse percentual seja bem maior. Ao menos, o tema está posto de modo incontornável a qualquer candidato minimamente competitivo.

PS: nos próximos artigos, a série “Agenda eleitoral” abordará os temas saúde, educação e emprego.

● **Juliano Domingues** (Unicap), **Dalson Figueiredo** (UFPE) e **Enivaldo Rocha** (UFPE) são integrantes do Grupo de Métodos de Pesquisa em Ciência Política da UFPE